

# PARXÔ HY: A DIMENSÃO DO LUGAR A PARTIR DOS USOS E SIGNIFICADOS DA CASTANHA DO PARÁ PARA O POVO INDIGENA GAVIÃO PARKATEJE

## PARXÔ HY: THE DIMENSION OF PLACE BASED ON THE USES AND MEANINGS OF THE BRAZIL NUT FOR THE GAVIÃO PARKATÊJÊ INDIGENOUS PEOPLE)

Autor(RUTE DAYENE RODRIGUES DA  
COSTA)<sup>1</sup>

Autor (EDGAR MONTEIRO CHAGAS  
JUNIOR)<sup>2</sup>

Autor (Nome Completo)<sup>3</sup>

Autor (Nome Completo)<sup>4</sup>

Autor (Nome Completo)<sup>5</sup>

Autor (Nome Completo)<sup>6</sup>

Autor (Nome Completo)<sup>7</sup>

Área Temática : Desenvolvimento Rural Sustentável, Dinâmica Territoriais e Conhecimentos Tradicionais  
Modalidade: **Resumo expandido**

### 1. Introdução

Os povos indígenas mantêm uma relação com o meio ambiente diferente da sociedade não indígenas, podemos observar isso através dos modos de vida que as populações originárias tem com o meio ambiente, as suas técnicas carregam significados diferentes, que valorizam o campo simbólico, espiritual e cultural, e tais práticas carregam objetivos que não visam o lucro e vão contra a visão capitalista de dinheiro e acumulação (Krenak, 2019).

O processo de colonização foi fundamental para a estigmatização e o surgimento de preconceitos sobre os modos de vida dos povos indígenas, quando então, suas crenças passaram então a não ser vistas como verdadeiras, mas como algo que foi sendo folclorizado e

<sup>1</sup> IUEPA; [rute.drd.costa@aluno.uepa.br](mailto:rute.drd.costa@aluno.uepa.br)

<sup>2</sup> UEPA; [edgar.mc.junior@uepa.br](mailto:edgar.mc.junior@uepa.br)

<sup>3</sup> Instituição; e-mail

<sup>4</sup> Instituição; e-mail

<sup>5</sup> Instituição; e-mail

<sup>6</sup> Instituição; e-mail

<sup>7</sup> Instituição; e-mail

interpretado como mito. Para Mignolo (2002) essa situação histórica demonstra como a colonialidade do saber foi sendo edificada, sendo o conhecimento do colonizador o único válido, desvalorizando as diversas outras narrativas existentes, aquilo que Boaventura de Souza Santos (2006) trata como “monocultura do pensamento”, que impõe uma única lógica, uma única forma de ver o mundo, determinado pelo colonizador europeu.

Essas ideias não apenas disseminadas no continente americano, mas nas diversas outras regiões do mundo ao longo do processo histórico de expansão do capitalismo, elas foram (e são) fundamentais para a desvalorização e folclorização das narrativas dos povos originários que perduram até os dias de hoje, já que, as ações, atitudes e valores escravocratas não desapareceram com a independência do país, conforme nos mostra Mignolo (2017).

Para os povos indígenas todos os seres vivos, sejam eles animais, humanos ou plantas carregam uma alma que é viva, e que tornam esses seres sagrados e participantes ativos na vida do planeta terra (Krenak, 2019), com isso podemos entender como ocorre algumas relações existentes de povos indígenas com o meio ambiente, é o que buscaremos compreender sobre a relação do povo indígena Gavião tem com a Castanha do Pará, seus usos e significados no campo simbólico e cultural como condição da produção do lugar enquanto espaço vivido (Lefebvre, 2006).

O povo indígena Gavião habita atualmente o território indígena Mãe Maria, localizado no município de Bom Jesus do Tocantins, na região sudeste estado do Pará. Regularizado e tradicionalmente ocupado, tem uma área de 62.488 hectares, nela vivem três grupos indígenas, integrantes do povo Gavião: Gavião Akrãtikatêjê, Gavião Kykatêjê e Gavião Parkatêjê, perfazendo cerca de 1.302 habitantes (IBGE, 2022).

O povo Gavião tem a castanha muito presente nos hábitos da comunidade, sendo ela utilizada de diversas maneiras na alimentação, festejos e também na economia. O festival da safra da castanha, que ocorre no início do período da coleta desse fruto, é um exemplo da valorização deste fruto para as comunidades indígenas, a festa conta com a participação de diversos outros povos da região, sendo assim uma forma de integração e comunhão entre os parentes.

## 2. Metodologia

Esta pesquisa está fundamentada no método da Geografia Humanística que tem por distinção o estudo da experiência humana para além de uma visão sistêmica-estruturalista e cartesiana da realidade. Parte da compreensão dos espaços produzidos individual e coletivamente pelas sociedades a partir da percepção e da experiência dialogando com o método fenomenológico, este, busca descrever o mundo vivido em suas essências, fugindo do cientificismo canônico e do positivismo lógico. Com este método, pretende-se compreender o ser no mundo que na geografia pode ser apreendido pelo conceito de lugar, opondo-se vigorosamente a ideia de espaço geométrico ou areal. Compreende-se assim que,

A geografia não é no seu princípio um conhecimento; a realidade geográfica não é “objeto”; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido, posteriormente, com cores. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja compreendido geograficamente, que o homem sinta-se ligado à Terra como ser chamado a realizar-se na sua concepção terrestre (DARDEL, 1950, p. 33)

Portando, assim como os objetos técnicos pensados pelo viés economicista dinamizam as formas das paisagens humanas, entendemos que, para além disso, os lugares produzem sentidos a partir do seu cotidiano vivido, expresso na materialidade, porém, absorvidos na percepção humana.

É nesse sentido que pretendemos discorrer sobre a produção de um espaço simbolicamente demarcado pelas experiências técnicas e sensoriais da produção da castanha no território Gavião Parakatêjê no Pará.

Por meio de um ensaio etnográfico, pretendemos realizar observações *in loco* da realidade estudada, buscando interpretá-la a partir de uma descrição densa (Geertz, 1989), a qual,

Entende-se por descrição densa o método de observação criado por Clifford Geertz (1978), que objetiva proporcionar a compreensão das estruturas significantes implicadas na ação social observada, que necessita primeiramente ser apreendida para depois ser apresentada (TALAMONI, 2014, p. 54).

As incursões em campo pretendem também ouvir narrativas locais que nos permitam nos aproximar da cultura do Povo Gavião Parakatêjê e, assim, verificar os elos afetivos daquela

experiência humana, portanto, ver, ouvir e escrever serão condições fundamentais para a produção de conhecimento sobre os saberes e fazeres relativos à produção da Castanha do Pará para os Gavião.

Nos procedimentos, buscaremos por meio de levantamentos bibliográficos e documentais a apropriação do conteúdo teórico sobre o tema de estudo. Também realizaremos levantamentos cartográficos, fotográficos e vídeos de pequenos formatos para a produção visual do trabalho. Por meio de entrevistas semiestruturadas, temos a intenção de, por meio da escuta e a apreciação da linguagem corporal dos interlocutores, compreender as narrativas que ultrapassam a condição prática da experiência e nos permita mergulhar no universo de saberes e fazeres do povo Gavião Parkatêjê.

### 3. Resultados/Discussões

#### 3.1- Aspectos históricos

O território Mãe Maria é historicamente ocupado pelo povo Gavião, é dividido em três subgrupos: os Gavião Akrãtikatêjê (da Montanha), Gavião Kykatejê e Gavião Parkatêjê- (IBGE, 2010). A Terra Indígena (TI) Mãe Maria, foi homologada pelo governo federal em 20 de agosto de 1986. A criação e ocupação do território, de acordo com o livro “me ikwý tekjê ri” (2011) (“Essa é a história do meu povo”) escrita através de relatos orais do líder indígena krôhokrenhum, mostra como o processo de ocupação da Mãe Maria ocorreu por meio do sertanista Jaime, que fazia articulações com o serviço de proteção ao índio (SPI) e que utilizava a mão de obra indígena para coleta da castanha que já era uma fonte de renda as comunidades locais, contudo, no período entre 1950 e 1970 os gaviões ocupavam a chamada Praia Alta, e a produção de castanha nessa região estava em baixa

“Castanha, primeiro era bom, de dinheiro, mas agora ninguém quer comprar, por causa disso tem de vender barato. Foi por causa disso que eu vim pra cá. Se não eu ficava lá em praia alta, adoidado, eu ficava lá com o povo. Então eu decidi vim pra cá, mas eu já sabia que era terra onde o meu povo andava, há muito tempo” (krôhokrenhum, 2011, p.78)

O processo de mudança para o novo território foi longo, pois as condições no período não eram favoráveis,

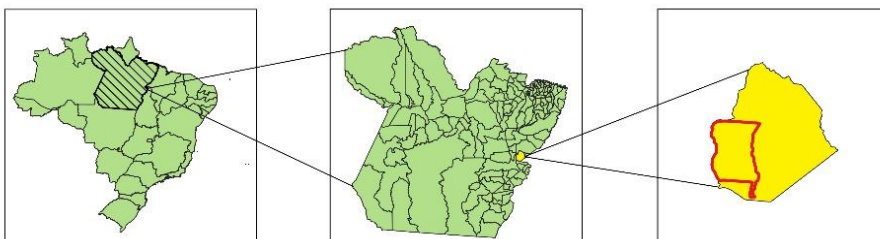
“foi assim que nós mudamos pra cá. Nós viemos montados. Viemos, viemos, até que chegamos aqui na mãe maria” (kröhokrenhum, 2011, p, 84)

Contudo, apesar das dificuldades as aldeias foram sendo construídas e o povo foi tomando força, atualmente o território tem por volta de 1.302 habitantes (IBGE,2020)

### 3.2- Localização da área em estudo

O Território Indígena Mãe Maria está localizado na região sudeste do Pará, especificamente no município de Bom Jesus do Tocantins. A área do território é de 120.000 hectares, sendo habitada por cerca de 1.500 a 2.000 indígenas da etnia Gavião (IBGE, 2022). O território está inserido na Amazônia paraense (figura 1)

**Figura 1** – Localização da terra indígena Mãe Maria na região sudeste do Pará



Parâmetros Cartográficos  
Datum: SIRGAS 2000  
Sistema de Coordenadas Geográficas  
Elaboração: Rute Dayene Rodrigues da Costa, 2025.  
Fonte: IBGE (2022), Google Earth (2025).

### 3.1- Território Mãe Maria e sua relação com as castanheiras

Os povos indígenas na Amazônia conhecem e vêm se relacionando com as castanheiras desde tempos imemoriais (Costa, 2003), a castanha tem uma importância simbólica e econômica, sendo frequentemente associada a rituais, festas e práticas comunitárias. Para muitos povos, a castanha é mais do que um produto comercial; ela é parte integral de suas tradições e relações com o meio ambiente.

Dentro do território indígena Mãe Maria, a extração da castanha está muito presente na cultura, caracterizando a alimentação, e até mesmo a complementação de renda, através da venda do fruto para o atravessador, que leva o fruto para ser vendido em feiras. No período da safra é comemorado a Festa da Castanha, como forma de comemorar a fartura. A coleta da castanha mostra a sua importância dentro da comunidade pois ela traz elementos simbólicos e significativos para a comunidade, possibilitando assim uma troca entre os mais novos e mais velhos, e também a sociabilização entre as aldeias.

O uso da castanha atualmente dentro da sociedade se aplica a diversos setores, sendo colocada no comércio de formas distintas, sendo utilizada, o ouriço que pode ser utilizado na criação de artesanatos e amêndoa na alimentação, essa estando presente com maior força, pois dela se obtém uma diversidade de produtos nos mais variados setores da indústria (Collares, 2006) possuindo muitos valores nutricionais, ela é bastante utilizada na produção *in natura*, desidratada com e sem casca ou em forma de suplementos alimentares, leites vegetais, bebidas, embutidos, sorvetes, barras de cereal, granolas, chocolates, doces, farinhas, biscoitos, margarinas, óleos, bombons e diversas outras formas de utilização na gastronomia. O seu consumo traz beneficiamento para a saúde, como mostra Santos (2012), o consumo da castanha

pode reduzir os riscos de doenças cardiovasculares e até mesmo câncer, dentro do setor dos cosméticos ela é utilizada para a extração, na criação de hidratantes, perfumes, óleo corporal, xampu, condicionador e etc. (Ribeiro, 2016).

Essas formas de uso a castanha pelo mercado tem como objetivo somente o lucro e acumulação, quando passamos a observar os usos da castanha dentro do povo gavião observamos que o objetivo, e intencionalidade são diferentes, neste caso o uso se dá a partir do cotidiano, estando inserida na alimentação de forma tradicional, o consumo se apresenta de diferentes formas, o leite da castanha é uma das formas mais presentes, o leite é extraído da castanha e utilizado nos preparo dos alimentos, como peixes, caças, o cupuaçu com o leite da castanha e farinha de mandioca é um dos pratos típicos desse povo

### 3.2- A coleta da castanha

A coleta da castanha é realizada durante períodos específicos, a sua safra ocorre geralmente entre janeiro e março, com o auge da produção entre janeiro e fevereiro. Em 2025, pude acompanhar o processo da coleta acompanhando meu pai, o indígena José Maria, conhecido entre os demais como “Kynha”, contamos também com a presença da minha irmã, Glória. Para a realização desse trabalho, se faz necessário uso de alguns instrumentos utilizados para auxílio da coleta, como terçado, conhecido também como facão, utilizado para cortar os ouriços, o coco que armazena as castanhas e o kakaty, um saco tradicionalmente utilizado para armazenar a castanha já coletada.

Primeiramente se faz necessário identificar os locais em que estão as castanheiras, para isso, caminha-se bastante para achar os ouriços. Logo após identificar as castanheiras coleta-se uma a uma observando as que estavam boas para colocar no referido saco. Após se coletar os ouriços é necessário retirar cada amêndoa que passam a ficar armazenadas no ouriço, e para retirá-las quebra-se sua tampa, em seguida, extrai-se com facilidade a amêndoa, todo esse processo acontece ainda dentro da floresta. Após todos os ouriços serem quebrados e todas as castanhas retiradas, armazena-se no saco, quando então se pode retornar para a aldeia. A coleta feita no dia rendeu (colocar o quantos quilos deu nesse dia). Com parte das castanhas coletadas foi extraído o leite para alimentação, juntamente com o cupuaçu, uma comida tradicional

consumida pelos Gaviões. A coleta da castanha geralmente acontece em torno de 4 horas, podendo variar com alguns fatores como clima e período em que foi coletada.

O extrativismo da castanha tem uma estrutura simples e pode ser feito com poucas pessoas, para o povo Gavião a extração da castanha é muito importante, ela é uma das bases principais para as refeições típicas do povo, mas indo para além da alimentação, mas uma relação ancestral, motivo para fazer festa comemorando o período da safra, com os antigos, a floresta e honrando a cultura viva no presente.

### 3.3- O extrativismo da Castanha do Pará

O extrativismo da castanha é histórico e desde a ocupação colonial na Amazônia brasileira, passou a ser utilizado como uma alternativa econômica para os exploradores e, em menor escala, para os povos nativos. A produção da castanha é obtida quase exclusivamente por meio da atividade descrita no tópico anterior. É uma prática econômica essencial para muitas comunidades da Amazônia, especialmente indígenas e ribeirinhos, que dependem de produtos naturais coletados diretamente da floresta para sua subsistência (Zuidema, 2003).

O extrativismo de produtos florestais não madeireiros (PFNM), como a Castanha do Pará, tem ganhado destaque, pois permite a exploração dos recursos sem causar danos irreparáveis ao meio ambiente, gerando renda e promovendo a preservação. Os PFNM são recursos naturais utilizados para a subsistência de comunidade, mas não somente no aspecto econômico, mas também no âmbito cultural e social dos indivíduos envolvidos no processo (Bentes, 2007).

A castanha é um exemplo de PFNM de grande importância econômica e cultural. Sua coleta, que ocorre principalmente de forma extrativa em florestas nativas, não requer cultivo, mas depende da manutenção da floresta. A castanha é rica em nutrientes e tem grande valor no mercado de alimentos e cosméticos. Além disso, o extrativismo sustentável pode promover práticas de manejo comunitário que integram a conservação ambiental com o desenvolvimento econômico das comunidades locais. Quando bem gestado, o extrativismo pode ser uma solução sustentável para a conservação da biodiversidade e uma alternativa ao desmatamento,

garantindo renda para as comunidades e proteção para as florestas tropicais, além de manter cultura tradicional de coleta do fruto (Clay, 2003)

Dentro do território indígena Mãe Maria, a extração da castanha está muito presente na cultura, caracterizando a alimentação, e até mesmo a complementação de renda, através da venda do fruto para o atravessador, que leva o fruto para ser vendido em feiras. No período da safra é comemorado a festa da castanha, que comemora a fartura da safra .

A coleta da castanha mostra a sua importância dentro da comunidade pois ela traz elementos simbólicos e significativos para a comunidade, possibilitando assim uma troca entre os mais novos e mais velhos, e também a sociabilização entre as aldeias

#### 4. Considerações Finais ou Conclusão

A relação do povo Gavião Parkatêjê com a Castanha do Pará evidencia uma perspectiva de mundo que transcende os limites econômicos impostos pela lógica capitalista e revela uma profunda conexão simbólica, cultural, alimentar e espiritual com a floresta. Diferente da visão mercantil ocidental, para os Gavião, a castanha não é apenas um recurso natural explorável, mas um elemento essencial à manutenção de suas tradições, identidade e formas de viver o território.

A partir da geografia humanística e do método fenomenológico, compreendemos que o espaço não se limita à sua materialidade, mas é produzido cotidianamente pelas experiências, afetos e saberes das comunidades. A castanha, nesse contexto, configura-se como símbolo de resistência cultural e marcador de pertencimento, unindo gerações e fortalecendo os laços entre as aldeias.

A coleta e o uso da castanha mostram que os povos indígenas, como os Gavião, preservam práticas sustentáveis que aliam economia, ecologia e cultura, contribuindo para a manutenção da biodiversidade e para a construção de alternativas ao modelo predatório dominante. Ao valorizar o saber ancestral e as práticas tradicionais, esta pesquisa reafirma a importância de se reconhecer os territórios indígenas como espaços de produção de conhecimento e de preservação da vida.

Diante disso, é fundamental que políticas públicas e acadêmicas reconheçam e respeitem as especificidades dos povos indígenas, promovendo ações que fortaleçam seus modos de vida e garantam a continuidade de suas práticas culturais, como o extrativismo da castanha, que simboliza não apenas uma fonte de alimento e renda, mas também uma forma de viver e habitar o mundo em harmonia com a natureza.

## 5. Referências Bibliográficas

BENTES, Antônio Carlos. *Os Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM) na Amazônia: importância econômica e social*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2007.

BOTT, Elisabeth. *Família e rede social: papéis, normas e relações externas nas famílias urbanas comuns*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BRASIL. *Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998*. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 136, n. 30, p. 1, 13 fev. 1998. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19605.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm). Acesso em: 18 Abril 2025.

CAVALCANTE, João. *A flora amazônica: o papel da castanheira na vegetação*. Manaus: Editora Amazonas, 1976.

CLAY, Jason. *The economic and ecological role of forest resources in the Amazon: sustainable development and biodiversity conservation*. São Paulo: Editora Sustentável, 2003.

CLIFFORD, James. *A interpretação etnográfica: a teoria da cultura e a prática da pesquisa*. São Paulo: Hucitec, 2002.

COLLARES, Maria Lúcia. *A castanha-do-pará e seus usos: do extrativismo à indústria*. Belém: Editora Universitária, 2006.

COSTA, Antônio Pedro; MOREIRA, Antônio; SÁ, Patrícia (Orgs.). *Reflexões em torno de metodologias de investigação: análise de dados*. v. 3. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2018.

COSTA, José Carlos. *A relação dos povos indígenas com a flora amazônica: um estudo sobre a castanheira*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2003.

DARDEL, Éric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FLORA DO BRASIL. *Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl. In: *Flora e Funga do Brasil*. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br>. Acesso em: 03 Abril. 2025.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *Extrativismo vegetal na Amazônia: limites e oportunidades*. Brasília: Embrapa, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: características gerais dos indígenas – Resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico 2022: povos e comunidades tradicionais: primeiros resultados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 mar. 2025.

INPA – INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA. *Flora amazônica*. Manaus: INPA, 2010.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Povos Indígenas no Brasil*. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/>. Acesso em: 10 Fevereiro 2025.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRÕHOKRENHÛM, Toprãmre. *Me ikwý tekjê ri: isso pertence ao meu povo*. Marabá, PA: Gknoronha, 2011.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. Disponível em: [https://gpect.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/06/henri\\_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf](https://gpect.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf) . Acessado em 2/03/2025

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. (Obra original publicada em francês em 1958).

LISBOA, Plínio Ayrosa de. *Vocabulário tupi-guarani: contribuição ao estudo da língua tupi antiga*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1968.

MIGNOLO, Walter D. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. 2. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

\_\_\_\_\_. Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1(a), PP. 12-32, 2017. Disponível em:

<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acessado em 04/05/2025.

MURA, Fábio. *Técnica e cultura: notas de uma abordagem antropológica*. São Paulo: Annablume, 2011.

NEVES, Eduardo. *Biodiversidade e agrobiodiversidade como legados de povos indígenas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

PICKEL, Carlos. *Glossário etimológico: termos indígenas*. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

PRANCE, Ghilleen T. *As plantas da Amazônia: diversidade e utilização*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

QUEIROZ, Maria Regina de. *A entrevista semiestruturada: técnicas de coleta de dados em pesquisa qualitativa*. São Paulo: Editora Atlas, 1988.

RIBEIRO JÚNIOR, José Carlos. Alimentando a tradição e valorizando o conhecimento tradicional na Amazônia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 29, n. 66, p. 173, maio/ago. 2023. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/ha/a/PATH\\_TO\\_ARTICLE](https://www.scielo.br/j/ha/a/PATH_TO_ARTICLE). Acesso em: 22 março 2025

RIBEIRO, Maria Clara. *A castanha-do-pará na indústria cosmética e seus benefícios para a saúde*. Rio de Janeiro: Editora Beleza Natural, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, João. *A castanha-do-pará e seus benefícios para a saúde na gastronomia*. São Paulo: Editora Saúde e Nutrição, 2012.

\_\_\_\_\_, João. *Benefícios da castanha-do-pará para a saúde: uma análise nutricional*. São Paulo: Editora Saúde, 2012.

TALAMONI, ACB. O programa da descrição densa. In: Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 53-66. ISBN 978-85- 68334-43-0. Available from SciELO Books. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2s7y9/pdf/talamoni-9788568334430-06.pdf>. Acessado em 13/04/2025.

ZUIDEMA, Pieter A. *Estratégias econômicas e a coleta de produtos florestais na Amazônia: o caso da castanha*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2003.

### **Apresentação dos trabalhos aprovados**

Após a avaliação Técnico-científica os trabalhos aprovados serão organizados em um caderno dividido por eixos temáticos e modalidades contendo as informações sobre data; local e horários para as suas respectivas apresentações PRESENCIAIS no XVIII SICOOPES & IX FECITIS que será disponibilizado no site do evento (<https://sicoopes.com.br>).

Os resumos expandidos serão apresentados no formato poster/banner e os Artigos científicos em formato oral (Slides).

As apresentações terão duração total de vinte (25) minutos, sendo 15 (quinze) minutos para a apresentação do trabalho e outros (10) minutos para a arguição e contribuições da banca de professores responsáveis.

OBS: A comissão organizadora do evento não se responsabiliza pela formatação e formato das apresentações.

A apresentação oral/presencial poderá ser realizada apenas pelo autor ou coautor do respectivo trabalho.

Os avaliadores irão atribuir nota de 0 a 10 (podendo ser fracionadas) aos seguintes critérios de avaliação das apresentações:

- Tempo de apresentação (respeito ao tempo estipulado);
- Desenvoltura oral (Domínio do tema desenvolvido, clareza e fluência na exposição das ideias);
- Organização e estruturação da apresentação de Slides/Banner;
- Consistência do trabalho, clareza, pertinência e consecução dos objetivos, metodologia utilizada (adequação e qualidade);
- Análise de dados e resultados: objetivos, articulação teórica e metodológica.

No site do evento <https://sicoopes.com.br>, estão disponíveis os modelos de resumo expandido, mostras de tecnologias e inovações sociais e artigos científicos. Assim como os *templates* para apresentação dos trabalhos.

**Observação:** Equipamentos e acessórios utilizados nas apresentações como: Computadores, pendrive; pointer; caixa de som; flip chart e marcadores serão de responsabilidade dos apresentadores. Cabendo a organização disponibilizar equipamento de projeção multimídia com cabos de saída HDMI e VGA.